

#maesemfiltro. O Instagram como palanque para a desromantização da maternidade¹

Fernanda Ribeiro de Lima – PPGAS/UFG - Goiás

Palavras-chave: Maternidade; Desromantização; Redes Sociais;

Este texto traz reflexões sobre a não-maternidade, um dos aspectos da discussão sobre movimento pela desromantização da maternidade, tema da minha tese de doutoramento em construção. Há muito a maternidade é pauta dos diversos feminismos e em diferentes épocas. Dos primeiros questionamentos feitos por Olympe de Gouges na França e Mary Wollstonecraft na Inglaterra na segunda metade no século XVIII, ao recente tabu das mães arrependidas de Orna Donath (2017). Aborto (Beauvoir, 2009), violência obstétrica (Ferreira, 2019), maternidade, mercado de trabalho (Fernandes, 2019) e a maternidade negra (Araújo; Argolo, 2017) estão entre as questões mais populares. Mas as consequências de ser mãe para a vida da mulher inspiraram, inclusive, o nascimento do feminismo matricêntrico, definido pela professora canadense Andrea O'Reilly, como um feminismo voltado para a maternidade / maternagem² especificando as demandas das mulheres mães nos mais diferentes contextos e as necessidades de políticas públicas para fazer da maternidade uma ação para o empoderamento das mulheres (O'REILLY, 2016).

Mas até bem pouco tempo esse debate tinha uma circulação um tanto quanto restrita ao ambiente acadêmico e aos movimentos organizados. Porém, a popularização da internet e das redes sociais, incentivaram a criação de perfis para discutir a desromantização da maternidade e levar diversos temas relacionados a maternidade e a maternagem a um número cada vez maior de mulheres fora do ambiente acadêmico e da militância. Só no *Instagram* já são dezenas de perfis, entre os mais populares estão: @maesolo, @matsoloreal, @maearrependida, @mulhernaomae,

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto de 03 de setembro de 2022.

² Entendendo a maternidade como o ato de dar a luz, de gerar uma nova vida e a maternagem como os cuidados físicos e emocionais necessários para o crescimento saudável dessa nova vida até que ela seja capaz de se auto gerir.

@laqueadurasemfilhossim, @felizessemfilhos, @malternidade, @ooutrolado.doarcoiris, @somos.childfree .

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells (2017), a mobilização pela *Internet* tem vários aspectos positivos, um deles diz respeito à segurança dos participantes. Principalmente quando a contestação diz respeito a assuntos caros ao conservadorismo do Estado e da sociedade, como é o caso da romantização da maternidade, da maternidade compulsória e do modelo familiar tradicional, o contra-ataque não acontece apenas por parte das instituições de poder, mas dos pares que pensam contrariamente a esta contestação.

A rede mundial de computadores é a nova ágora. Mas ao discutir o uso da *Internet* enquanto espaço de contestação popular, faz-se necessário falar sobre o paradoxo “individuação” e conexão. Individuação – não confundir com individualismo – “[...] é a tendência cultural que enfatiza os projetos do indivíduo como supremo princípio orientador de seu comportamento” (CASTELLS, 2017, p. 198). Ou seja, um projeto pessoal que pode ser levado ao coletivo. Ao mesmo tempo, é necessário que as pessoas com projetos semelhantes se encontrem, compartilhem projetos e ações que tomarão corpo na rede, ou seja, é preciso conexão entre indivíduos para que a indignação saia da esfera pessoal e passe a ser vista como um movimento, o que também podemos conceituar de net-ativismo (DI FELICE, posição 4.327, 2018) ou ainda ativismo nas redes ou ciberativismo conforme conceituação de André Lemos como “práticas sociais associativas de utilização da internet por movimentos politicamente motivados com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas” (LEMOS, 2013, p. 33).

O sociólogo divide os movimentos políticos digitais em três possibilidades: conscientização e informação, como por exemplo, a luta das mulheres pela popularização da desromantização da maternidade; as mobilizações digitais para encontros e ações presenciais, como por exemplo, “Culpa: substantivo feminino? Um papo sobre maternidade e não maternidade”, evento que vai acontecer em outubro de 2022 dentro do Concriart 2022³, a partir de discussões iniciadas na rede; e o uso de ferramentas digitais para conscientizar, instruir, bloquear ou mesmo desencadear um projeto de lei por iniciativa popular, tal como aconteceu em junho deste ano (2022), quando uma juíza e uma promotora de Santa Catarina tentaram proibir uma criança de dez anos que foi estuprada de abortar, e a publicização do caso em portais de notícia, o envio em massa de

³ 11º Congresso Brasileiro de Terapia Cognitiva na Infância e Adolescência.

mensagens para as instâncias superiores da justiça e instituições internacionais de defesa do direito das crianças, além da criação da *hashtag* #criançaãomãe e de um abaixo assinado para o respeito e cumprimento aos direitos da criança forçaram o Estado a permitir e fazer o aborto.

A internet não é apenas um local para debater, questionar e exigir, especificamente em relação à desromantização da maternidade, uma das grandes contribuições da rede para as mulheres é a possibilidade de expor suas opiniões sem precisar dos veículos de comunicação, jornalistas ou qualquer tipo de comunicadores, que muitas vezes usam estes espaços privilegiados, para consciente ou inconscientemente reafirmar comportamentos e regras necessários à manutenção do patriarcado e do capitalismo. Castells (2017) afirma que a *Internet*, mais precisamente as redes sociais são “espaços de autonomia” que permitem a “comunicação de muitos com muitos”, fenômeno que ele chamou de “autocomunicação de massa”. Auto porque o teor da mensagem é decidido de forma autônoma, e massa⁴ porque permite o alcance de milhares de pessoas. “A autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo em relação às instituições da sociedade (CASTELLS, 2017, p. 22). Claro que as redes sociais também exercem a censura sobre conteúdos considerados delicados ou inapropriados. Mas este é um cerceamento passível de ser driblado enganando o algoritmo que faz a vigilância das postagens. Para falar sobre aborto escreve-se a palavra com outra grafia, por exemplo, abbhorto / abort!, e assim acontece com todas as palavras que podem despertar a atenção do algoritmo, como depressão, suicídio, violência obstétrica e outras. As imagens também devem ser escolhidas cuidadosamente. Outro ponto positivo é a ausência de barreiras geográficas. Uma mulher em Manaus – Amazonas, fala/dialoga com outra em Goiânia – Goiás.

Essa possibilidade de reverberação permite que o desabafo de uma mãe sobre sua insatisfação com a maternidade seja visto por outras mulheres que tem o mesmo sentimento, mas não tiveram coragem de falar e desafiar o sistema. Não é sem razão que a maternidade foi atrelada ao sofrimento e a dedicação, como Maria, mãe de Jesus. “Ser mãe é padecer no paraíso”, “Ser mãe é carregar consigo por nove meses um ser que será seu universo por toda vida”, “Deus não pode estar em todos os lugares, por isso fez as

⁴ Este texto parte do conceito de Comunicação de Massa das autoras Ana Carolina Temer e Vanda Cunha Nery. “...uma forma específica de comunicação que ocorre pela intermediação/mediação de um meio técnico, ou multiplicador, que permite a mensagem atingir um público anônimo, heterogêneo e fisicamente disperso, que pode chegar simultaneamente até bilhões de pessoas nos mais diferentes pontos da terra”.

mães”, “Filho é presente de Deus”. A ideia de que ser mãe é um sacrifício divino existe para que as mulheres não questionem as dificuldades e a solidão do processo de maternagem construído e imposto pela colonização europeia a luz das necessidades do patriarcado e da implantação do capitalismo que demandava aumento da força de trabalho sem custos (FEDERICI, 2017). Admitir a não felicidade, a não realização, ou até mesmo o arrependimento pela maternidade e não ser chamada de louca, doente, ou ser acusada de estar sem Deus no coração, é um acolhimento sonhado por muitas mulheres. É a certeza de que não é um problema pessoal. Vamos compreender como a internet ajudar a popularizar as discussões sobre a pluralidade de maternidades e a necessidade de desromantização a partir do perfil no *Instagram* @malternidade.

Cheguei ao perfil @malternidade fazendo buscas com as *hashtags* #maternidadereal, #mãesolo, #filhodátrabalho, #maternidadesemfiltro, #nãoésumbebê, #paidefacebook e #childfreebrasil. O perfil foi criado em setembro de 2018 e tem hoje 5.612 seguidores em crescimento orgânico. Logo me chamou atenção a linguagem muito direta, em certos momentos raivosa, colocando a maternidade como algo muito ruim na vida de uma mulher. Nos vários outros perfis que acompanho as responsáveis preferem uma usar palavras mais delicadas ou mesmo o humor. Enviei uma mensagem de apresentação pelo *inbox*, explicando sobre a minha pesquisa de doutorado e com meu telefone de contato. Em pouco tempo “Lúcia”⁵ me respondeu pelo *whatsapp* e iniciamos uma conversa que durou várias semanas. Lúcia é uma mulher branca de 43 anos de classe média alta, profissional liberal casada com um empresário. Minha primeira pergunta foi como a maternidade aconteceu na vida dela e para minha surpresa a gestação foi planejada. Ela disse nunca ter sentido vontade de ser mãe, as amigas se casaram e engravidaram, mas para ela a maternidade não era um sonho ou uma necessidade. Engravidou aos 35 anos sob pressão das conhecidas ameaças: “O seu tempo está esgotando”, “Você vai se arrepender”, “Todos os seus amigos já têm filhos”, “Quem vai cuidar de você na velhice”.

Chegou os meus trinta e cinco anos e eu falei para o meu marido, vamos parar de tomar o anticoncepcional, tomava eu sempre tomei, ainda tomo, vou parar de tomar o anticoncepcional para engravidar. Ele disse “a gente tem que parar mesmo”, mas não foi aquela coisa assim, que a gente conversou, “vamos, vamos ter um filho, aquela coisa romântica. Não nunca foi. Pra mim ter um filho não tinha nada de romantismo, não era um desejo, não tinha vontade, era uma coisa prática sabe? Assim, todo mundo tem

⁵ A criadora do perfil pediu para não ser identificada porque diante das reflexões / afirmações polêmicas que faz, ela teme represálias pessoais e profissionais e até mesmo que as ofensas virtuais se tornem agressões físicas.

filho, então agora chegou a minha vez de ter, é compulsoriedade mesmo, indo com a manada sabe, aquela coisa assim, já que todo mundo tem eu preciso de ter, essa cobrança social, da sociedade, foi isso que aconteceu comigo. [...] Quando eu descobri a gravidez foi uma coisa assim, caramba eu tô grávida e agora? Não era isso que eu queria? E agora o que eu faço da minha vida? Não senti nada de emoção, nada de felicidade, nada, sabe aquela coisa assim, de nada, nada. (Lúcia – 25/05/2022)

O ditado “quando nasce uma criança, nasce uma mãe” não se aplicou a Lúcia. E com os primeiros anos de uma maternagem atípica, se descobriu uma mãe arrependida. Me permitam abrir um parêntese para explicar o termo maternidade atípica, porque nem todos conhecem. A maternidade atípica é quando a mulher tem um filho fora dos padrões do “senso comum da normalidade”, ou seja, é uma criança com uma síndrome, com transtornos mentais ou comportamentais ou deficiência física. Além de não ter encontrado a felicidade na maternidade, Lúcia ainda enfrenta uma maternagem muito complicada porque a filha, hoje com oito anos, tem autismo severo. Ela não possui rede de apoio voluntária, amigos ou parentes.

Tenho uma pessoa que me ajuda com os trabalhos DA CASA e uma estagiária que fica com Helena por 3h de manhã repassando as terapias sob supervisão da psicóloga. A tarde ela vai pra escola (eu levo e busco). A noite ela fica por 1 hora com meu marido pra eu ir pra academia. Finais de semana não tenho NENHUMA rede de apoio. Pagar é bem caro e voluntária então é impossível. Ninguém NUNCA se ofereceu pra ficar com ela nem por 1 hora pra gente ir num cinema, por exemplo. Ela tem 7 anos. Faz 7 anos que eu nunca mais sai pra um barzinho, restaurante, cinema, festa, show ou qualquer coisa nos fds e período noturno. Mas ngm tem obrigação né? Não os culpo... Mas lamento por ter perdido minha vida social que tanto amava. [...] na verdade fomos nós que nos afastamos porque a gente percebe que ela é uma criança que incomoda demais, ela incomoda muito, quando a gente vai pra algum lugar ela não fica quieta, ela não se comporta. Tem uma churrascaria praticamente embaixo do meu prédio, do lado do meu prédio, é uma churrascaria muito boa, a gente sempre foi nessa churrascaria antes dela nascer, sempre, sempre frequentamos muito essa churrascaria. E dia desses a gente foi, resolvemos ir, era até feriado, a gente foi bem cedo porque tem menos gente, e nesse dia ela não conseguiu esperar, ela não quis comer, ela fez um escândalo. E assim, quando ela era pequenininha ainda passava por criança pirracenta, hoje em dia não dá mais para passar porque ela tem sete anos, está bem grandinha, porque ela é bem desenvolvida sabe, ela é bem grande, então ela passa tranquilamente por uma criança de dez anos. Então todo mundo olha, é, eu não julgo eles também, porque eu acho que eu faria o mesmo, ficaria olhando assim, falando caramba que menina com onze anos, dez anos fazendo isso. Em relação a família, a família sim se afastou bastante. Algumas pessoas ainda vinham aqui tal, mas acabou que é um ciclo, sabe Fernanda? É um ciclo, uma criança atípica, uma criança que demanda tanto dos pais ela acaba causando confusão, acaba causando stress demasiado, aquela resposta atravessada que nem deveria existir, acaba existindo sabe? É uma coisa puxa a outra e é uma vida muito stressante. Acaba que estamos numa fase meio brigada com a família. Eu rompi com a minha sogra e a gente não tem mais tantas visitas. A minha sogra era uma das pessoas que mais me visitava pra falar a verdade, não a mim, visitava a neta e o filho, mas era assim eu queria curtir minha neta independente de como

ela é, mas toma aqui eu quero ficar com ela três minutos, falar que vc é uma péssima mãe, porque é assim que ela me acha e só. Enfim, rompi com todo mundo e está um clima bem ruim aqui em casa. (Lúcia – 27/05/2022)

Porém, ao contrário da maioria das mulheres neste mesmo contexto, “Lúcia” não se calou. Segundo ela “precisava desabafar para o mundo”. Então ela usou o *Instagram* para compartilhar sua experiência e além de alertar mulheres que tem dúvidas sobre a maternidade, acabou iniciando uma rede de apoio emocional, a outras mulheres que também enfrentam dificuldades com a maternidade e principalmente com a maternidade atípica. Ela faz questão de deixar claro nos posts que uma mulher não deve ser mãe se tem dúvidas em relação à maternidade, e que a maternidade, ao contrário do que dizem, não completa uma mulher. Tanto que uma das *hashtags* que usa é a #nadúvidaarespostaé não .



Imagem 01 - Fonte: Internet – acesso livre

Esse post foi feito no dia 16 de outubro de 2021, um dia depois de Lúcia enfrentar sozinha mais uma crise severa da filha. No dia anterior ela havia postado um desabafo aos prantos no grupo de mães que mantém no *Telegram* com as seguidoras que participam mais assiduamente do perfil. Foram 156 comentários. “Malter”, como é chamada pelas seguidoras recebeu várias mensagens de apoio com votos de dias mais calmos. Muitas mensagens de mulheres que dizem agora ter certeza da escolha da não-maternidade a partir dos relatos dela, e também mensagens de outras mães atípicas dizendo compreender totalmente o que ela passou além de relatarem situações semelhantes. Uma mãe que se colocou como uma mulher realizada, disse entender as queixas de Lúcia e que o exemplo dela só deixa claro que a maternidade não é para todas as mulheres. Uma seguidora recente, perguntou por que ela engravidou se não queria ser mãe, e uma seguidora mais

antiga respondeu antes dela. Uma outra seguidora pergunta por que ela não deu a criança para adoção, e novamente outras seguidoras explicam que ela ama a filha, apesar de não gostar da maternagem e aproveitaram para explicar a diferença entre maternidade e maternagem. Outras lembram que no Brasil crianças atípicas não são adotadas. E tr~es fazem questão de lembrar que o perfil é um local de acolhimento para as mães de crianças atípicas e para mulheres que não querem ser mães, e não um local de crítica.



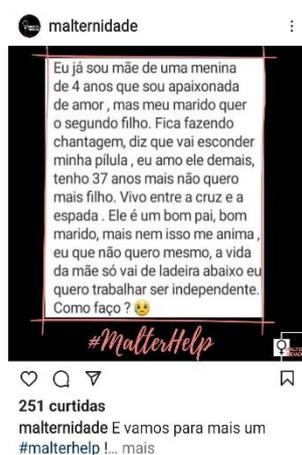
Imagem 02 – Fonte: Internet – acesso livre

Lúcia também faz postagens mostrando como a sociedade incentiva a maternidade, mas não possui políticas de apoio para que a mulher trabalhe ou exerça outras atividades como estudar ou mesmo tenha tempo para cuidar da própria saúde. Neste post foram 58 comentários. A maioria de mulheres reafirmando a sua escolha pela não-maternidade e colocando o risco de não ter uma vida profissional, ou de perder a liberdade pessoal como o motivo da escolha. Ela também faz questão de reforçar a solidão das mães de crianças atípicas.



Esse post teve 358 curtidas e 68 comentários. Uma recém-chegada ao perfil perguntou o que era uma criança atípica e foi prontamente respondida. As mulheres não-mães reforçaram que o medo de uma maternidade atípica sem apoio é um dos motivos para não desejarem filhos. Neste post surgiu uma discussão interessante a partir da crítica de uma das seguidoras sobre a romantização das maternidades atípicas, principalmente por artistas e pessoas com boa condição financeira e visibilidade na mídia. Falou-se por exemplo do apresentador Marcos Mion que tem um filho autista, mas possui uma condição financeira para manter uma rede de apoio inimaginável para a esmagadora maioria das famílias que possuem uma criança autista. Falou-se da expressão “meu mundinho azul” e várias mulheres manifestaram indignação pelo fato de uma condição que exige um tratamento tão dispendioso para que a criança tenha qualidade de vida, e ainda tão estigmatizada pela sociedade, ser apresentada em alguns conteúdos midiáticos como algo especial no sentido de ser um presente, algo bom, construtivo, sem ser observado o contexto de cada mãe.

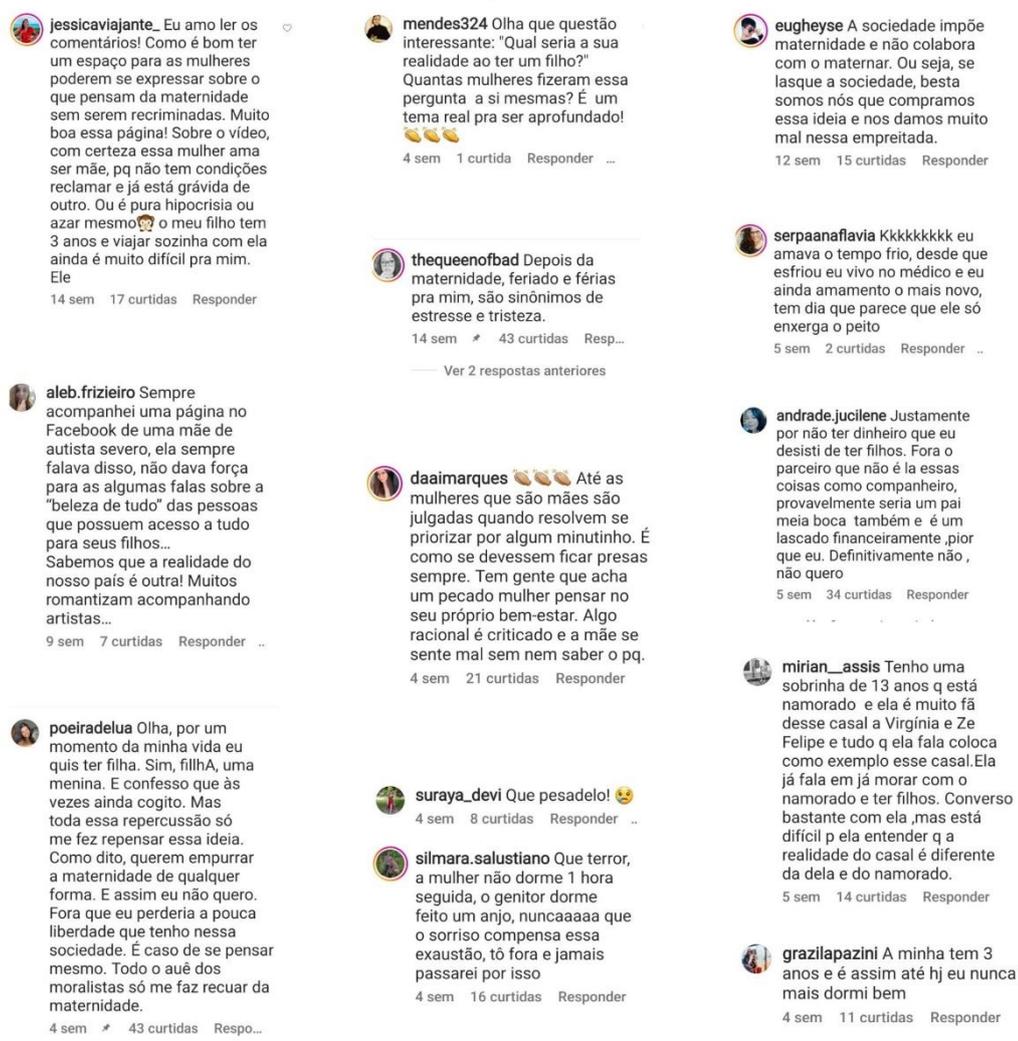
Lúcia publica conteúdo de outras páginas que também falam sobre a desromantização da maternidade, aliás essas páginas seguem umas às outras, repostam material uma das outras e com isso aumentam o potencial de alcance das publicações sobre o tema. Ela também reposta pedidos de ajuda, sem identificar a seguidora (mesmo que tenham sido escrito nos comentários) quando o assunto é recorrente e as informações e discussões nos comentários podem ajudar outras mulheres. As dúvidas vão desde orientações jurídicas sobre processos de laqueadura e salpingectomia, direitos das crianças atípicas, até conselhos matrimoniais como é o caso abaixo.



Mas segundo Lúcia é grande o número de mulheres que enviam mensagens pelo *inbox*, por vergonha ou medo de serem reconhecidas.

Elas mandam muito, mas muito, mas muito direct, elas mandam direct demais. Mas não todas com problemas sendo mães, nada disso não. Algumas pedem conselhos em relação a relacionamentos, outras pedem conselho em relação como que deve agir porque ela não sabe, está com 35, 40 anos não teve filhos e se deve ter ou não. Outras são mães e relatam coisas bem tristes e aí eu tento de alguma forma acalantar essas mães. Não é minha formação, nada disso, mas eu tenho uma história de vida que eu posso compartilhar experiências. Acolho porque eu sei o que elas estão passando, eu acolho e falo o que eu gostaria que falassem pra mim. Não tenha de passar a mão na cabeça, é assim mesmo, vai melhorar, porque as vezes não vai melhorar. Tem uma mãe que eu até fiz amizade com ela fora do *Instagram*, ela tem até o meu *whatsapp*, e de vez em quando ela me manda mensagem, e porque essa mãe foi entre aspas especial? Porque ela tem um filho, autista severo de nove anos, é uma pessoa extremamente carente do ponto de vista financeiro, [...] e vive apenas com o BPC, o pai abandonou, não quer nada com ela, nem quer ver o filho, e ela é uma menina muito inteligente, sabe, ela conversa muito bem, ela fala muito bem, ela tem um pensamento muito claro, e ela tem a nítida sensação de que a vida dela acabou também, porque esse filho dela ele se auto agride, ele agride ela, e tem dias que ela me manda áudios chorando e isso me deixa com o coração partido porque se é muito difícil com uma condição financeira boa, imagina com uma condição financeira precária. Também fiz amizades muito bacanas ali dentro. Uma moça de Belo Horizonte, essa se tornou BFF, amigas de infância, [...] e um rapaz, o Gabriel que criava a maior polêmica nos comentários, eu falei que ia bloquear ele, nas conversas ele acabou desabafando falando que é gay, foi abandonado pela família, e nós acabamos nos tornando muito amigos, amigos estranhos à sociedade. Essa moça abortou, e ela se via muito em mim porque o futuro dela seria o meu se ela não tivesse tomado essa decisão. Hoje somos confidentes. Eu já me dediquei muito a essas respostas, mas hoje já não consigo responder com muita agilidade porque o grupo aumentou muito. Eu nunca gastei um real para ganhar seguidores, eu nunca ganhei um real com este *Instagram*, Até hoje eu faço e fiz como lema de vida, só que eu não tenho esse tempo disponível pra conversar com as minhas meninas lá no direct pra entender, pra absorver, pra tentar ajudar de fato, porque eu trabalho, não trabalho da forma que eu gostaria, do jeito que eu sempre trabalhei, eu sou advogada e trabalho quando dá. Não faço trabalho doméstico, eu tenho uma pessoa que cuida da casa pra mim, mas eu passo boa tarde do meu tempo por conta da minha filha. Minha filha tira muito da minha sanidade mental, vamos dizer assim, as pessoas falam que é um desafio, mas eu acho a palavra desafio tão pequena diante do que representa pra mim, eu não sei rotular o que é pra mim passar por essa maternidade atípica. Não tenho uma palavra que não seja dolorosa demais ou leve demais, ainda não consegui encaixar isso. Minha cabeça não é mais a mesma, eu não tenho aquela vivacidade que eu tinha, de pegar um projeto e ir até o final. Até o livro mesmo, eu mexo de depois deixo pra lá porque ele me traz muitos gatilhos, eu deixo e volto, eu deixo e volto. Eu vivo numa gangorra emocional muito grande, muito mais que física, muito mais que a parte do trabalho. O meu desgaste é tanto já com as demandas que eu tenho na minha vida pessoal que estava me custando demais, então hoje eu filtro o trabalho. Em relação a vida financeira eu não preciso me preocupar porque o meu marido tem uma situação financeira muito boa então eu não me preocupo com isso, mas nem tudo na vida é dinheiro né, a minha, o meu eu, a minha expectativa enquanto mulher às vezes, ela cai um pouco.

Ainda que Lúcia não consiga responder aos directos com a mesma agilidade do começo do perfil, a cada postagem no *feed* ou *stories* a interação é muito boa porque as seguidoras não apenas comentam os posts, como conversam entre si, trocam informações e experiências, e, principalmente, trocam acolhimento entre si. É fácil perceber que elas já popularizam a sobrecarga materna, a falta de uma divisão justa de tarefas com o pai, a importância de uma rede de apoio e de uma situação financeira estável. Também já ficou claro para as participantes mais antigas do grupo que mesmo uma gestação planejada pode resultar em uma maternidade atípica e que neste caso todas as colocações anteriores ganham um peso ainda maior.



Imagens de 07 a 13 – Fonte: Internet – acesso livre

Considerações finais

Ainda há muito o que observar, como por exemplo, o peso da performatividade das responsáveis pelos perfis no engajamento de mulheres mães e não mães no conteúdo publicado. No caso do @malternidade, Lúcia chama atenção pela sinceridade muitas vezes chocante, mas não é algo que ela tenha pensado como estilo de produção, mas sim consequência da sua leitura pessoal da maternidade. Ela tem pouco conhecimento técnico sobre as ferramentas profissionais do *Instagram*, tanto que não as utiliza, por enquanto. Também fica claro que ela não tem noção das regras de utilização de conteúdo para *stories* e *feed*, ela aprende observando outros perfis e com as dicas que recebe das próprias seguidoras. Mesmo não tendo sido criado para ser um local de debates, lembro que a intenção inicial era ser um diário eletrônico, um local para desabafo, o perfil cresce e agrega mulheres de diferentes idades, raças, escolaridade, orientação sexual, credo religioso, condição financeira e localização geográfica que trocam experiências sobre os mais diversos contextos de maternidade e maternagem. E isso sem dúvida, além de se tornar uma rede de apoio psicológica, também ajuda as mulheres a admitirem posicionamentos contrários ao que é imposto pela maternidade romantizada e compulsória popularizando um novo papel social da mulher para além de parir e criar filhos.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Rosângela; ARGOLO, Maria Marta Pinto. Construção de Gênero das Mulheres/Mães Negras no Contexto da Violência Policial Contra Adolescentes e Jovens. *Dikê – XVII – Publicação Semestral - 2017-2*. Páginas: 147-168, **Revista Jurídica do Curso de Direito da UESC**. Disponível em: <file:///C:/Users/Fernanda%20Ribeiro/Downloads/1910-Texto%20do%20artigo7783-2-10-20180323.pdf> . Acesso em: 02 de novembro de 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DI FELICE, Máximo. **Net-Ativismo – Da ação social para o ato conectivo**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2018.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas : uma outra visão da maternidade**. Tradução: Marina Vargas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Nathália. **Feminismo Materno: o que a profissional descobriu ao se tornar mãe.** São Paulo: Pólen, 2019.

FERREIRA, Máira Soares. **Pisando em Óvulos: a violência obstétrica como uma punição sexual às mulheres.** Tese defendida em 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9989/5/Tese%20-%20Ma%C3%ADra%20Soares%20Ferreira%20-%202019.pdf>

LEMOS, André. **A Comunicação das Coisas: Teoria ator-rede e cibercultura.** São Paulo: Annablume, 2013.

O'REILLY, Andrea. **Matricentric Feminism: Theory, Actvism, and Practice.** Bradford-Canada: Demeter Press, 2016.

TEMER, Ana Carolina R. P.; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação.** Uberlândia: Aspectus, 2004.